

Psicanálise e alienação

A convocatória para esta reunião suscitou em mim o interesse de escrever sobre Psicanálise e alienação.

Fui levada a esse ponto de pesquisa pela prática clínica que desenvolvo na cidade de Buenos Aires quando, ao receber um homem de uns 50 anos, aprisionado pelo terror e pela influência dos outros, voltei a pensar no mecanismo de alienação e revisá-lo.

Em sua adolescência estudou em um prestigioso colégio da cidade. Nessa época tinha estado capturado pela *influência* e por sua vez a *proteção* que lhe concedia um colega de curso que mais tarde se tornaria um líder político. O que poderíamos chamar de um líder de massas segundo a concepção de Sigmund Freud em seu texto de 1921.

O autor retoma ali o termo *sugestão*, várias vezes trabalhado em psicologia social, para contribuir, a partir da perspectiva da psicanálise, com uma colocação, já que vai além do aspecto descritivo conhecido até aquele momento. Freud destaca a questão *libidinal* presente no coração da sugestão, assunto que está em jogo sempre que o líder consegue capturar a massa devido a seu prestígio, entendido este, na maioria das vezes, em relação a seu poder. Gostaria de esclarecer que *massa* é um modo relacional que pode se constituir mesmo entre duas pessoas quando o encaixe entre ambas é perfeito, isto é, sem fissuras, como uma luva que cobre a mão. Ocorre quando um dos sujeitos se deixa envolver totalmente pelo outro.

No texto citado Freud diz que na sugestão há uma *indução efetiva primária*. Ressalta: a sugestionabilidade é um fenômeno primário da vida anímica dos sujeitos. Trata-se de libido, de sexualidade e, em última instância, de amor. Libido vem de *Liebe*, que significa amor em alemão.

Nos fenômenos de pânico, registráveis na dissolução das massas do exército, por exemplo, o que se observa é que ao não contar com a autoridade e a proteção do líder, o homem deve se cuidar por si mesmo. As ordens dos chefes perdem seu valor, deixam de ser

obedecidas e cada indivíduo deve se cuidar por si mesmo. Aparece então um medo imenso e insensato.

É o que relata em sua análise este homem quando menciona que perante o abandono de seus pais, que consideravam que em sua adolescência ele já devia se valer por si mesmo, sua vida passa a ser regida por esse companheiro ungido como líder que cuidava, orientava e dominava seus passos.

Ele podia chamar o amigo em horas da madrugada caso se encontrasse confuso e desamparado e seria escutado e acalmado.

Essa alienação, relata o homem, continuou por muito tempo, até que seus interesses acadêmicos e de trabalho colidiram. Nesse momento, fundamentando com princípios filosófico-políticos, o líder o intimou, ameaçando-o de cortar seu apoio e proteção e deixá-lo no desamparo.

A partir de então poderíamos pensar que este homem passou a ser uma espécie de “Zelig”.

Vocês devem se lembrar do famoso filme de Woody Allen, no qual em algum momento da década de 1920 um homem se faz famoso como objeto de estudo da ciência por mudar de aparência segundo o tipo de gente que vai encontrando em seu caminho.

Trata-se de alguém que vai se adaptando continuamente e de maneira perturbadora ao meio em que vive, como se fosse um camaleão. Se está no Harlem, aparecerá como um homem negro cantando Góspel. É visto depois nos desfiles militares imitando Hitler ou convertendo-se ao budismo em um ambiente budista... Assim, sua extrema insegurança o leva a se camuflar entre as pessoas para ser aceito nos grupos.

Finalmente, quando se apaixona pela Dra. Fletcher, sua psicanalista, faz progressos em sua recuperação, conta o filme.

A sagacidade e humor do cineasta recria de maneira preciosa o que em medicina foi chamado de síndrome de ZELIG e o que nós, psicanalistas, poderíamos pensar como o estado de alienação em que um sujeito se encontra no ponto de não ter podido efetivar de forma acabada a operação de separação.

Ambos os conceitos, alienação e separação, são trabalhados por Lacan no Seminário 11. Mostram-nos como o sujeito vem do Outro mas, por sua vez, deve se separar, isto é, deve poder atacar a bateria significativa proveniente desses Outros nesses interstícios que possibilitam a separação. Questão que o autor define, no mencionado seminário, como plantar-se, parir-se a si mesmo, proporcionar-se o necessário para que os demais se cuidem dele.

Do contrário, no campo da neurose, ao qual nos circunscrevemos hoje, ficaríamos encaixados no *falso self*, tal como definiu o grande psicanalista que foi Winnicott.

A pergunta que hoje nos traz aqui é:

É o Sujeito suposto Saber como *tromperie* um modo de se alienar para poder se curar?

Que tipo de laço propõe a psicanálise quando trabalha a partir da transferência?

De fato, em alguma ocasião escutei alguém dizer que não se analisa pois não quer depender de ninguém.

A finalidade de uma análise, no entanto, não é, por certo, a de levar o sujeito à alienação. Ao contrário, poder viver de melhor maneira segundo critérios próprios é um sentido possível para uma psicanálise.

Mas, então: por que formular para a entrada em análise a necessidade da transferência, um espécie de derramar-se no outro pela confiança e entrega vertida?

A chave estará na posição do analista. Este não vai usar a ferramenta da transferência para benefício próprio mas sim como alavanca para o trabalho analítico.

Fazer o cavalo entrar no picadeiro é uma expressão que encontramos em “A direção da cura”, que descreve de forma aforística a situação. Os trabalhos não podem ser feitos sem a preparação necessária.

Como poderia alguém suportar a dissolução da autoridade do outro, abandonando assim a posição de objeto, sem se sustentar por um tempo no amor de transferência?

Freud já tinha nos prevenido: ninguém deixa sua posição sintomática se não obtém, por outro lado, algum benefício.

A diferença substancial entre a transferência proposta pelo dispositivo analítico para o começo da tarefa, a respeito da alienação proposta pelo líder de massas, radica no fato de que na primeira, a analítica, o engano/*tromperie* não será usado para o abuso/gozo do outro.

Enquanto o comandante da massa só quer a obediência e submissão do sujeito, o analista não sustenta a posição do alienado.

Destacamos que a única garantia de conservar a abstinência, posição do analista na direção da cura, será dada pela análise que ele mesmo tenha efetuado. Tendo chegado a trabalhar ao máximo de suas possibilidades a distinção entre *objeto a* e ideal do eu.

O que significa isso?

Diferentemente do líder de massas, o analista não se situa no lugar do Ideal. Não se planta ali, como mostra Sócrates em O Banquete, e por isso está em posição de *interpelar o objeto que o sujeito é*. Faz isso até esvaziá-lo no possível de seu ser. Sendo o caminho que leva ao trajeto rumo ao luto, na medida em que o trabalho é sobre a perda do objeto.

Remarquemos: não se trata da melancolização mas sim do luto e neste ponto voltamos uma vez mais a Freud, com sua substancial distinção entre um e o outro. Se na melancolia o objeto cai sobre o eu pelo peso do ideal esmagador, no luto se trata do consentimento da perda do objeto. A partir desse trabalho psíquico advirá o desejo, fonte libidinal para a criação na escala de cada um, única e singular.

Que cada um cultive seu próprio jardim é a alusão de Freud a Voltaire no Mal-estar na cultura. Portanto a ética da psicanálise vai em direção contrária à formação de massa.

